ESTIGMAS DOS EDUCADORES DIANTE DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM
PARTE I

Gildasio Jose dos Santos[1]
Cassio Hartamann[2]
Willian Rodrigues Tebar[3]
Evelise de Jesus Ciniello[4]

1- Professor da Rede Estadual de Ensino do Estado do Paraná/Curitiba/Paraná/Brasil
2- Professor do Instituto Federal de Alagoas/Maceió/Brasil
3- Mestre em Saúde Pública – Universidade de São Paulo/USP/São Paulo/Brasil
4- Licenciatura em Biologia e Diretora de Colégio da Rede Estadual de Ensino do Estado do Paraná/Curitiba/Paraná/Brasil

gildasiofiep@gmail.com

RESUMO

Alunos provenientes de famílias de baixa renda têm de superar uma difícil barreira social: aquela que os coloca como destinados ao fracasso escolar, então começa o luta contra estigma de todos educadores. A educação é um processo que exige um conjunto diversificado de saberes e é papel da escola oferecê-lo a quem não tem oportunidade dentro de casa. Nesse sentido, apontamos como estratégias decisivas a aproximação entre corpo docente das escolas e representantes das famílias, a formação continuada dos professores e a promoção de atitudes que sensibilizem os alunos para o conhecimento. Com o ensino sucateado e os professores despreparados, muitos encontram em canais alternativos a diversidade necessária para ensinar na forma original no hebraico fazer crescer frutificar etc.. É a impossibilidade de encontrar em casa e na escola referências de pessoas com um bom acúmulo de capital cultural que induz à busca em outras instâncias. O objetivo deste é conscientizar o professor do seu conhecimento através de sua competência profissional, das suas atitudes e expectativas acerca das dificuldades de aprendizagem e do futuro do aluno. Propõe ao educador a análise do contexto: condições ambientais imediatas em que ocorre o processo ensino-aprendizagem (número de alunos circunstancias específicas em que se apresenta a tarefa, etc.); e condições mediatas (referentes linguísticos, culturais, etc. do grupo social e cultural de origem do aluno), com a avaliação psicopedagógico.

Palavras-Chaves: Aprendizagem; Dificuldades; Pedagogia.

1. INTRODUÇÃO

O estigma é um conjunto de ideias que tem como objetivo destacar um aspecto, considerado um defeito ou aspecto negativo, com o objetivo de inferiorizar. Estigma é um tipo de marca presente na pessoa, que o faz diferente ou o distingue da “normalidade”. Por isso, para entender o estigma se faz necessário pensar também o conceito de normalidade. Nesse caso, a normalidade está relacionada a algo que aparece como padrão ou modelo. Além de aparecer como modelo, também se apresenta como um dado da realidade, ou seja, é algo no qual a sociedade não enxerga problema.

Não se trata de negar a diferença. A diferença é um dado, ela existe. O problema é como essa diferença é tratada, de que maneira as diferenças se relacionam. Tudo aquilo que foge ao padrão ou modelo estabelecido pela sociedade, aparece de forma muito clara, evidente ou extravagante na pessoa estigmatizada. Uma deficiência física ou mental costuma ser percebida

pela sociedade em geral como uma anormalidade.

Acontece que juntamente com o fato de perceber esta “anormalidade”, em geral a sociedade também enxerga essa deficiência como incapacitação. Somente pelo fato de uma pessoa ter uma deficiência física não significa necessariamente que ela seja estigmatizada. O estigma é uma forma de classificação que leva a pessoa a ser excluída do âmbito social ou se sentir desprezada, inferiorizada e até mesmo ridicularizada.

É o olhar de reprovação ou estranheza do outro, que leva a pessoa a se sentir estigmatizada. Além do olhar, o estigma geralmente é expresso por meio de palavras que menosprezam ou diminuem a pessoa. A pessoa, sujeito desse olhar ou vítima dessas palavras, sente vergonha de sua situação, passando a experimentar um sentimento de baixa-estima.

É sempre bom lembrar que o estigma não está somente relacionado a deficiência física e/ou mental. No caso do estudante ou praticante de esporte, por exemplo, ele pode ser estigmatizado por causa de seu peso, sua altura, sua condição social, seu gênero, sua cultura etc. Em geral, o estigmatizado passa a ser o diferente. A questão não é ser diferente, o problema é que juntamente com a diferença vem a exclusão e um carimbo ou marca que faz com que os outros se afastem ou não queira manter contato.

Quando o estigma é muito forte, a pessoa pode ser vítima de violência, maus tratos, desrespeito e humilhações. Quem age desta maneira, parte do princípio de que a pessoa está no lugar errado. O estigmatizado não deveria estar ali. Este não é o seu lugar. Mas às vezes, o estigmatizado sofre humilhações porque ele é visto com a encarnação daquilo que é negativo. Os negros, os homossexuais e os pobres, são exemplos desse tipo de estigma. O estigmatizado passa a não ser bem-vindo, a menos que se coloque “no seu lugar”, ou seja, no lugar de subordinação.

Assim sendo, esta relação dá origem a um processo de desigualdade. Em geral, o estigmatizado tem mais dificuldade em exercer seus direitos. A sociedade foi montada pensando nos ditos “normais”, nesse sentido, não há grande preocupação em adaptar, atender ou mesmo aceitar que grupos estigmatizados tenham os mesmos direitos e acessos. Assim, o estigma denota uma relação de poder, visto que ele está inferiorizado diante de outro que se considera normal. Para sair desta relação se faz necessário que o estigmatizado também assuma uma relação de poder na sociedade.

Ele não pode ser visto apenas como alguém que é digno de piedade ou merecedor de tolerância. A tolerância deve existir, mas não pode ser entendida apenas como uma forma de convivência da qual a pessoa não pode fugir. A tolerância não é um acordo no qual se estabelecem limites onde um não perturba o outro. A tolerância é o reconhecimento do outro como ser de direito e que tem o mesmo direito de viver e conviver no mesmo espaço.

A segregação é uma forma de estigmatização, ao mesmo tempo é também consequência da estigmatização. Podemos pensar das duas formas: as pessoas são estigmatizadas porque são segregadas ou são segregadas porque são estigmatizadas. Os dois movimentos são possíveis. O estigmatizado é alvo de algo que a sociedade ou o grupo considera negativo. O maior peso que o estigmatizado carrega é o peso da inferioridade.

A sociedade exclusiva o enxerga como alguém que tem uma desvantagem. Essa desvantagem, entendida desta forma pela sociedade, pode ser vista como algo desprezível. Ou seja, o estigma o faz desprezível. Sendo desprezível, também é indesejável e impróprio.

O preconceito em relação a quem é estigmatizado pode ser entendido sob dois aspectos: o aspecto do poder, dominação e o aspecto da moralidade. No que diz respeito ao aspecto da moralidade, ela geralmente é utilizada para se referir a comportamentos considerados reprováveis ou indesejados.

Geralmente este tipo de atitude é utilizado contra mulheres ou homoafetivos. Essas pessoas passam a ser estigmatizadas porque seguindo essa visão carregam um tipo de

comportamento baseados em valores considerados negativos que podem influenciar a sociedade. Em relação aos homossexuais ou homoafetivos o estigma acontece porque uma grande parcela da sociedade entende que se trata de um comportamento, ou seja, não é algo intrínseco ao ser humano.

A sociedade brasileira foi e ainda continua sendo marcada pelo moralismo judaico-cristão. Segundo essa visão, existe um conjunto de valores que aproxima ou distancia o ser humano da divindade. O homossexualismo passa a ser visto como um tipo de "comportamento" reprovável, uma aberração. Mais ainda, a sociedade conservadora não deseja ter este tipo de "comportamento" como modelo para toda a sociedade. Portanto, se esse valor não serve como modelo então deve ser reprovado e mesmo combatido.

Desta forma a sociedade tem medo de que este "comportamento" ou valor se espalhe se torne hegemônico e venha assim, "corromper" a sociedade. Desta forma, os homossexuais muitas vezes são vistos como figuras, esdrúxulas, engraçadas, ridículas e religiosamente pecadoras. Infelizmente esse tipo de visão ainda é hegemônica em nossa sociedade, mas aos poucos, outra forma de enxergar as pessoas vem surgindo.

A exposição na mídia, a participação na sociedade, o reconhecimento e o debate público tem sido fundamental para diminuir e até mesmo combater a exclusão e o estigma que esse grupo tem sofrido. Portanto, pelo aspecto da moralidade, rejeita-se o outro pelo entende-se que ele não é portador de valores dignos de serem compartilhados por todos.

2. UMA ANALISE PONTUAL: O EDUCADOR E A APRENDIZAGEM

Somos responsáveis pelo processo de aprendizagem e seus problemas. Professor, você já se deparou com algum aluno com dificuldade de aprendizagem? Imaginamos que sim. Então responda: PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM ESCOLAR: RESPONSABILIDADE DE QUEM?

Essa é uma das questões que qualquer educador se faz constantemente, nos dias de hoje. Para ajudá-lo a responder a essa questão, inicialmente, vamos analisar o significado de alguns termos muito falados na escola.

Segundo Cunha (1987):

> O termo ***aprendizado***, etimologicamente, significa o ato de o aprendiz aprender, do latim ***apprenhendere***, que significa apanhar algo. Portanto, a própria palavra ***aprendizado***, em suas origens, sugere que o indivíduo dirija-se, ativamente, ao aprender. Segundo a definição etimológica, o termo ***problema*** surgiu no século XVII e refere-se a uma questão matemática, portanto, de origem lógica, proposta a fim de que seja dada uma solução.

Já a palavra ***distúrbio,*** etimologicamente (Cunha, 1987), significa alteração de ordem das coisas, interrupção e, quando se refere ao aprendizado, está, em geral, relacionada a comprometimentos neurológicos que afetam o ato de aprender. Esses se relacionam à disfunção do sistema nervoso central.

Houve uma época, portanto, que crianças que não acompanhavam seus colegas na aprendizagem passavam a ser designadas como anormais escolares, já que seu fracasso era atribuído a alguma anormalidade orgânica. Nos dias de hoje, na visão sociointeracionista, as atividades do aprendizado escolar são sistemáticas e têm uma intencionalidade pensada; um compromisso explícito, historicamente comprometido em tornar acessível o conhecimento formal organizado pela cultura. As crianças, à medida que são encorajadas a adquirir conceitos científicos nas atividades propostas pela escola, estão modificando sua relação cognitiva com o

mundo. Por consequência, o aprender modifica o desenvolver.

Olhando dessa maneira, os alunos que apresentam diferentes ritmos e comportamentos tidos como problemas no aprendizado escolar, fazem parte da constituição heterogênea do grupo-escola; assim sendo, não deveriam ser vistos como casos estigmatizados e isolados. Trata-se, então, de olhar a criança com problema de aprendizado escolar muito mais para identificar as suas capacidades potenciais no seu próprio desenvolvimento e aprendizado do que patologizar esse problema em "distúrbios" ou "doenças".

O papel do educador, então, é o de possibilitar intervenções a fim de que seja dada uma solução ao problema de aprendizado escolar. O professor deve olhar o processo educativo global em oposição à rotulação do aluno, indicando possíveis intervenções. Do mesmo modo, os pais devem dar o incentivo e a credibilidade do saber e conhecimento que a escola desenvolve com os filhos, bem como enfrentar desafios do ato de aprender.

É importante ter em mente aqui a premissa mais importante deste pensamento, ou seja, de que o desenvolvimento pedagógico do educando tem como "carro chefe" sua vida social. Portanto cabe ao educador, parafraseando (*Fernando Pessoa) "Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos".* Ousar sempre ante aos desafios,

Mantoan (2005) relata:

> "Sabemos da necessidade e da urgência de se enfrentar o desafio da inclusão escolar e de colocar em ação os meios pelos quais ela verdadeiramente se concretiza" [...], "tenho uma preocupação muito grande quando falo em escola educadora. É uma instituição que todos nós, inclusive eu, ajudamos a construir e que tem de mudar, **não porque está boa para ninguém. Mas, no dia em que ela for boa para uma criança com deficiência e dificuldade em aprendizagem, ela vai ser boa para todo mundo**, esse é o fim da linha" {...}.

3. AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: ASPECTOS HISTÓRICOS E PSICOSSOCIAIS

As dificuldades de aprendizagem aparecem com um dos temas que mais inquietam os estudiosos e pedagogos. A falha estaria no aluno ou no sistema escolar? No final do Século XIX alguns psicólogos e pedagogos procuraram situar às origens do fracasso escolar da criança na questão mental. Médicos e psicólogos atribuíram o fracasso escolar a fraqueza, debilidade das capacidades intelectuais ou morais da criança em questão. (COSTA, 1993 P. 25).

> Ficaram excluídos do processo muitos que tinham dificuldades de aprendizagem. Mais uma vez a escola e o sistema são preservados; a culpa pelo fracasso é colocada no indivíduo. (COSTA, 1994 p. 31).

Será que a escola pode ser a mesma quando o educando são outros? Será que o currículo pode ser o mesmo quando o outro sujeito está chegando? Será que a pedagogia pode ser a mesma, a docência pode ser a mesma. Aí caminhamos para tentar construir outra escola, em que a idéia é de que não é o aluno que tem que se adaptar a escola e sim a escola ao aluno.

4. PROPOSTA DO PROJETO POLITICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA PLURAL

Plural refere-se à pluralidade vinculada a diversidade, com a chegada de alunos de diferentes áreas sócia econômica, infância, adolescência jovem e adulta, que a escola poderá dar conta desta pluralidade, pois, a escola plural, currículo plural, quando der conta da formação em todas as dimensões que incorporem os saberes plurais, invejas plurais, que eles alunos levam para escola, esta é a idéia de escola plural de vanguarda sempre atuando com adversidade. Nossa sociedade é muito diversa, muito plural. A pluralidade é muito mais rica do que a simplicidade.

Neste contexto, os educadores deverão acompanhar esta pluralidade, ou seja: deixar as "roupas usadas", de lado, por já ter criado formato, como relatou Fernando Pessoa, e usar novas ferramentas que esta pluralidade requer, e quando falamos de pluralidade, falamos em diversidade. Neste diapasão, o educador precisa ser o primeiro a acreditar na aventura pedagógica, que na verdade é um tratamento com vários tipos de experiências pedagógicas. ***Abandonar a postura de que o aluno não pode errar, ou ainda puni-los por não conseguir num primeiro momento o objetivo proposto***. (grifos e negritos nossos).

Extingue-se a competição e o individualismo e reforçam valores de cooperação e solidariedade. A integração aluno-professor não é somente teórica, mas sim prática, ou seja, na elaboração dos projetos. As situações problema exigem uma avaliação formativa. Há uma variação de feedback, às vezes o professor, outras vezes o aluno e na maioria das vezes a própria realidade que aprova ou resiste as projeções pensado sempre na pluralidade e uma escola inclusiva.

Assim com mudanças destas posturas, leva-nos a mostrar ao aluno que a escola é seu lugar, não é um lugar estranho, pois eles querem ir à escola, querem se sentir bem sua escola, bem acolhidos, em suma, com a diversidade e pluralidade a escola tem que ser lugar humano para aqueles que vivem em lugar tão desumano (favelas, vilas, ruas, etc.). Assim a família popular confia muito na escola do que em outro qualquer lugar publico, a escola é seu lugar.

Outro sujeito, outra pedagogia. É a tomada de consciência política da população primitiva, as outras que tornou o Século XX mais revolucionário da historia. E quem são estes outros que tornaram revolucionários do Século XX, são os movimentos sociais, (negros, indígenas, feministas, quilombolas, sem teto etc.), e também as crianças. Adolescentes, jovens e adultos que conseguem com tanto custo chegar à nossas escolas. Essas interrogações nos levam e nos provoca a refletir que papéis fazem perante a sociedade quando educadores.

Hoje, ser professor é muito mais difícil do que antes, devido à pluralidade em face às provocações da diversidade, que são os intimidados pela sociedade. Eles não nasceram violentados, eles são violentados pela sociedade. Quantas vezes falamos do violento na escola, da infância, do adolescente, do jovem e do adulto, quando na verdade devemos mudar este discurso por uma sociedade violentada, aí está à diferença e esta é a realidade, a verdadeira inclusão.

5. O PAPEL DA ESCOLA DIANTE DESTE DILEMA

Entendia-se a escola como uma contribuição dos princípios eclesiásticos, portanto a família não podia insurgir contra, mas sim apoiar esta postura de defensora dos princípios divinos.

> E o que está fazendo a escola diante a estas interrogações para tentar equacionar as respostas. Nas sociedades primitivas não existia a instituição escolar como hoje. "Para melhor submetê-la aos rigores da hierarquia e da aprendizagem da obediência, intensifica-se o uso dos castigos corporais". (ARANHA p.73).

Hoje ainda temos 20 milhões abaixo do nível da miséria, da pobreza, 30 milhões que não tem cultura assimilada, isto é muito violento por ser humano. Então denominamos uma espécie de antipedagogia, para fazer com que Eles fiquem quietos em seus lugares, e se não ficarem, ainda usam de força policial pacificadora.

Em apertada síntese desde a exordial, tempos estes Outros (sujeito da ação educacional), do que é composta a sociedade, dos quilombos, que lutam com resistência contra a escravidão, os indígenas que lutam por suas terras e morrem as mulheres que lutam pelos direitos nunca reconhecidos.

Logo, estas resistências fazem parte das pedagogias, resistência que denominamos resistência da libertação. Paulo Freire nos descreve sobre a "pedagogia do oprimido" **e não para os oprimidos**, outros sujeitos, outras pedagogias.

6. DENOMINAÇÃO E SUBORDINAÇÃO: UM POUCO DA HISTÓRIA DO BRASIL

Quando chegaram os Portugueses no Brasil, gritaram "terra a vista", mas logo descobriram outros povos a vista, e aí começa a ocupação da terra e para ocupá-la tinham que destruir, subalternizar, eliminar os povos desta terra. Sabemos que na colonização das Américas, morreram mais de 40 milhões de indígenas, e continuam morrendo a luta por suas terras, seus espaços.

Isto não se conta nas escolas, pois é uma vergonha histórica, depois virão à escravidão (navios negreiros), uma das maiores vergonhas da historia da humanidade, que até hoje lutam contra a segregação racial. Estas pedagogias brutais deveriam ser mostradas e não ter vergonha delas, pois quando se tem vergonha de historia nunca a superamos.

7. OS SABERES DA DIVERSIDADE INCORPORADOS NOS CURRICULOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

É preciso, de uma vez por todas, entender que a função principal da escola é ensinar e que, portanto, o resultado que dela deve ser esperado, avaliado e cobrado é a aprendizagem do aluno.

Esta inclusão ainda não está acontecendo, por isso, descortinamos sobre a história da humanidade. As alterações proposta nas Leis de Diretrizes e Bases da Educação, LDB, em colocar obrigatoriamente a historia da África da memória, da Cultura Indígena, Quilombola, negra, neste momento, entende-se que: temos que incorporar a **nossa historia na historia.**

Portanto, enquanto não se incorporar a historia da diversidade nas escolas, a outra historia não é verdadeira.

8. ROPOSTAS PARA ENFRENTAR AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM A CONSTRUÇÃO DE COMPETÊNCIAS

"Este novo paradigma é definido pelo autor PHILLIPPE PERRENOUD, da seguinte forma: São múltiplos os significados da noção de competência. No sentido comum da expressão, estes são representações da realidade, que construímos e armazenamos ao sabor de nossa experiência e da nossa formação. (PERRENOUD, 1995 p.7-8).

Neste sentido a escola esbarra num dilema crucial. 70% das carreiras que seriam

importantes por volta do ano 2010 ainda não existem. (LITTO, *In:* Pátio 1999 p, 15).

No contexto escolar precisa surgir uma consciência diferente que descarta a punição para o erro e para as dificuldades de aprendizagem. Por outro lado pode ser uma oportunidade para desenvolver o principio do apoio mútuo entre alunos.

> O compartilhamento não pode ser somente do sucesso, ou seja, das notas boas, mas do insucesso também é aí que acontece a verdadeira aprendizagem. (STAINBACK, In: PÁTIO1999 p. 16).

Há muitas dificuldades que precisam ser superadas. Construir competências implica em mudanças profundas na identidade do ser professor.

9. O NOVO CONCEITO DE ENSINO DE QUALIDADE

Exaltou-se o aspecto racional cognitivo do conhecimento. Busca-se maior iniciativa do aluno a partir de projetos elaborados entre os professores e alunos.

O professor deve sempre estar atento às manifestações dos alunos, pois mesmo aqueles que apresentam dificuldades em determinada área do conhecimento certamente surpreenderá positivamente em outra área. (MANTOAN, *In:* PÁTIO, 2000, p. 19).

10. IMPLICAÇÕES DO OFÍCIO DE DOCENTE

Para construir competências, é necessário mudar a relação do professor com o saber, isto é, sua maneira de dar aula, o que implicará num repensar da sua própria identidade como educador. Precisa-se ensinar a aprender, ou seja, o aluno precisa aprender a aprender (PERROUND, 1995).

Os conhecimentos como recursos a serem mobilizados no entender do autor é transformá-los em instrumentos da prática, ou seja, através deles poder tomar decisões, resolver problemas. Um erudito sem a prática pode ser mais inútil que um ignorante. Construir competências é exercitá-las em situações complexas. Os conhecimentos são oportunizados pela interação aluno e professor.

Trabalhar por problemas é levar o aluno a traçar metas, resolver problemas, pesquisar, penetrar no conhecimento até então desconhecido para ele. As situações-problema se estabelecem vinculadas a realidade não pode ser inventada aleatoriamente pelo professor.

> Visar ao desenvolvimento de competências é quebrar a cabeça para criar situações-problema, que sejam ao mesmo tempo, mobilizadas e orientadas para aprendizados específicos PERROUND, (1995)

Uma está ligada à perseguição do objetivo que pode acontecer meio à tensão, dificuldades, esforços, e a posterior superação dos obstáculos. A outra situação é ver os obstáculos como barreiras intransponíveis e parar diante delas sem ânimo para superá-los. Neste caso o professor deve ser não só um incentivador, mas orientador que procurará intervir no processo apontando possíveis saídas. A negociação não deve ser uma vil barganha, mas uma alavanca pedagógica.

Adotar um planejamento flexível é um dos aspectos essenciais no ensino por competências, isto porque, pode-se prever o início, mas não se pode prever o final, de certa forma é uma aventura.

Perround, (1995) explica o sentido desta "aventura":

> A palavra pode parecer forte demais, quando se trata de uma instituição tão burocratizada e obrigatória como a escola. Porém, trata-se mesmo de aventuras intelectuais, de empreendimento com resultado desconhecido, que ninguém, nem sequer o professor, jamais viveu em condições exatamente iguais. O exemplo concreto pode ser a montagem de um espetáculo montado a partir de uma pesquisa em um determinado bairro que pode ter uma previsão inicial de duração de um mês, mas no decorrer do processo verifica-se que há necessidade de ampliar este projeto para dois meses, sem a qual não se alcançará os objetivos propostos.

No contexto de ensino hoje o entendimento é que há um conteúdo programático que precisa ser vencido a qualquer custo até o final do ano letivo. O professor que quiser trabalhar competências precisa abrir mão de boa parte destes conteúdos.

É muito melhor dedicar boa parte do tempo em um pequeno número de situações complexas que levam a um aprendizado fecundo e significativo do que vencer um conteúdo denso e longo, mas de forma superficial e sem interesse por parte dos alunos, o que na verdade acaba gerando certas distorções, como a repetência e a evasão escolar. O professor precisa planejar com tranquilidade, liberdade e espírito crítico, para extrair o essencial e não se perder em atividades sem sentido para o aluno nos dias atuais.

O referido autor propõe um novo contrato didático com cinco itens importantes na nova identidade do professor: A capacidade para incentivar e orientar o tratamento experimental. A aceitação dos erros como fontes essenciais da regulação e do progresso, desde que analisados e entendidos. A valorização da cooperação entre os alunos em tarefas complexas.

A capacidade de explicitar e de ajustar o contrato didático, de ouvir as resistências dos alunos e levá-las em consideração. A capacidade de engajar-se pessoalmente no trabalho, não ficando sempre na posição de árbitro ou de avaliador, mas nem por isso tornar-se igual (PERRENOUD, 1995, p, 65).

11. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo ensino-aprendizagem envolve professores alunos, instituição escolar, familiares e toda a sociedade. Os implicados diretamente são os professores e alunos, estes últimos sofrendo diretamente os efeitos da crise escolar como um todo. Conforme o exposto anteriormente um dos grandes problemas a ser enfrentado atualmente são as dificuldades de aprendizagem. O que fazer? Quais os caminhos que poderiam levar a amenizar ou mesmo a resolver esta situação? Numa visão mais profunda das causas, é necessária uma política voltada a necessidades básicas da família, sociedade civil, governos e lideranças em geral são responsáveis isto é, todos nós devemos assumir esta responsabilidade.

Não se pode ignorar também as mudanças na estrutura familiar e os problemas internos que o aluno acaba levando-os para a sala de aula, conforme já analisamos anteriormente. É necessária uma política de atendimento às crianças dentro da escola, por exemplo, merenda dentro dos padrões exigidos. Espaço físico adequado. Material didático suficiente. Profissionais de educação realmente treinados.

Neste sentido, a proposta da LDB da educação aponta para a mudança de paradigma. Há que se buscar uma visão mais holística da vida como um todo e isso certamente refletirão na educação. O professor em sala de aula precisa levar o aluno aprender a aprender. Construir competências e isso é muito mais que ensinar conteúdo.

O aluno é motivado a todo instante e sair da sua comodidade e se lançar no desconhecido. Dentro desta nova proposta o professor é chamado a mudar de identidade, de

postura, de mentalidade. Deve abandonar a postura de dono da verdade e de infalível. Ele é simplesmente o condutor do processo que dá o pontapé inicial do aprendizado e juntos vão abrindo caminhos enfrentando situações problemas e em cada situação desafiadora vão encontrando formas peculiares de resolvê-los.

A proposta de trabalhar em sala de aula com projetos situações-problema leva todos a extrair o que tem de melhor em cada um, isto é, a sua potencialidade pluralidade e diversidade. Dentro desta nova postura a avaliação estática, genérica há um instante a um repensar e uma retomada de direção onde até mesmo o professor se auto avalia. Cria-se um clima de trabalho e confiança. Retoma-se a alegria e o sentido de estar em sala de aula.

Retira-se o fantasma da evasão da repetência. Devolve-se ao aluno autoconfiança perdida. Dá-se aos pais a convicção que seu filho tem as mesmas condições de aprendizagem que qualquer outra criança.

O professor e todo o sistema escolar não podem perder a convicção de que é possível traçar um novo caminho onde as dificuldades de aprendizagem sejam apenas um componente do processo que certamente serão resolvidos os graves problemas da evasão e da repetência. Afinal todos são chamados a construir uma escola que o aluno precisa para enfrentar o futuro que já chegou.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **Filosofia de educação.** 2ª ed. São Paulo: Moderna 1996.

COSTA, Doris; FREIRE, Anita. **Fracasso escolar, diferença ou diferência**. 2ª ed. Porto Alegre: Kuarup, 1994.

CUNHA, Geraldo A. Dicionário etimológico da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1987.

MANTOAN, Maria Teresa E. **Inclusão escolar: o que é? Como fazer.** São Paulo: Moderna, 2003. (Coleção Cotidiano Escolar).

_____ **A Hora da Virada** 2005 v1, nº1, p. 24, revista Inclusão MEC.

PERRENOUD, Phillippe. **Construir as competências desde a escola.** 1ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.

REGO, Teresa C. Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação, Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 1995.

SCOZ, Beatriz, Psicopedagogia e a realidade escolar; o problema escolar e de aprendizagem. Petrópolis, Editora Vozes, 1994

STIGMATA OF EDUCATORS IN FRONT OF LEARNING DIFFICULTIES

PART I

ABSTRACT

Students from low-income families have to overcome a difficult social barrier: one that puts them as intended for school failure, then begins the fight against stigma of all educators. Education

is a process that requires a diverse set of knowledge and is the school's role to offer it to those who have no chance in the house. In this sense, we point as strategies decisive rapprochement between teaching staff of schools and representatives of the families, continuing education of teachers and the promotion of attitudes that sensitize students to knowledge. With scrapped education and unprepared teachers, many find alternative channels in the diversity needed to teach in the original form in Hebrew grow fruit etc .. It is impossible to find at home and at school referrals from people with a good accumulation of cultural capital which leads to search in other instances. The purpose of this is to educate the teacher of their knowledge through their professional competence, their attitudes and expectations about learning difficulties and the future of the student. Proposes that educators analysis of the context: immediate environmental conditions in which occurs the teaching-learning process (number of students specific circumstances in which it has the task, etc.); and mediate conditions (related linguistic, cultural, etc. the social and cultural group of student origin), with the psycho-pedagogical assessment.
Key Words: Learning; Difficulties; Pedagogy.

STIGMATES DE EDUCATEURS EN FACE DE DIFFICULTÉS
PARTIE I

RÉSUMÉ

Les étudiants issus de familles à faible revenu ont à surmonter une barrière sociale difficile: celui qui les met comme étant destinées à l'échec scolaire, puis commence la lutte contre la stigmatisation de tous les éducateurs. L'éducation est un processus qui exige un ensemble diversifié de connaissances et est le rôle de l'école pour l'offrir à ceux qui ont pas de chance dans la maison. En ce sens, nous signalons que les stratégies de rapprochement décisive entre le personnel enseignant des écoles et des représentants des familles, l'éducation continue des enseignants et la promotion des attitudes qui sensibilisent les étudiants à la connaissance. Avec l'éducation mis au rebut et les enseignants non préparés, beaucoup trouvent des canaux alternatifs dans la diversité nécessaire pour enseigner dans la forme originale en hébreu cultiver des fruits, etc .. Il est impossible de trouver à la maison et à l'orientation de l'école des gens avec une bonne accumulation de capital culturel ce qui conduit à rechercher dans d'autres cas. Le but de cela est de sensibiliser l'enseignant de leurs connaissances grâce à leurs compétences professionnelles, leurs attitudes et leurs attentes sur les difficultés et l'avenir de l'apprentissage des élèves. Propose que les éducateurs analyse du contexte: les conditions environnementales immédiates qui se produit le processus d'enseignement-apprentissage (nombre d'étudiants circonstances particulières dans lesquelles il a la tâche, etc.); et arbitrer conditions (liées linguistique, culturelle, etc., le groupe social et culturel d'origine de l'étudiant), avec l'évaluation psycho-pédagogique.
Mots clés: apprentissage; Difficultés; Pédagogie.

STIGMATA DE EDUCADORES EN FRENTE DE DIFICULTADES DE APRENDIZAJE
PARTE I

RESUMEN

Los estudiantes de familias de bajos ingresos tienen que superar una barrera social difícil:

uno que los pone como destinados a fracaso escolar, entonces comienza la lucha contra el estigma de todos los educadores. La educación es un proceso que requiere un conjunto diverso de conocimiento y es el papel de la escuela para ofrecer a los que no tienen ninguna posibilidad en la casa. En este sentido, señalamos como estrategias de acercamiento decisiva entre el personal docente de las escuelas y los representantes de las familias, la educación continua de los docentes y la promoción de actitudes que sensibilizar a los estudiantes al conocimiento. Con la educación desechado y los maestros no están preparados, muchos encuentran canales alternativos en la diversidad necesaria para enseñar en la forma original en hebreo cultivar frutas etc .. Es imposible encontrar en casa y en las referencias de la escuela de la gente con una buena acumulación de capital cultural que lleva a buscar en otros casos. El propósito de esto es para educar a la maestra de su conocimiento a través de su competencia profesional, sus actitudes y expectativas acerca de las dificultades y el futuro del aprendizaje de los estudiantes. Propone que los educadores análisis del contexto: las condiciones ambientales inmediatos en el que se produce el proceso de enseñanza-aprendizaje (número de alumnos circunstancias específicas en que tiene la tarea, etc.); y mediar condiciones (relacionado lingüística, cultural, etc., el grupo social y cultural de origen del estudiante), con la evaluación psicopedagógica.
Palabras clave: Aprendizaje; Las dificultades; Pedagogía.

ESTIGMAS DOS EDUCADORES DIANTE DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM
PARTE I

RESUMO

Alunos provenientes de famílias de baixa renda têm de superar uma difícil barreira social: aquela que os coloca como destinados ao fracasso escolar, então começa o luta contra estigma de todos educadores. A educação é um processo que exige um conjunto diversificado de saberes e é papel da escola oferecê-lo a quem não tem oportunidade dentro de casa. Nesse sentido, apontamos como estratégias decisivas a aproximação entre corpo docente das escolas e representantes das famílias, a formação continuada dos professores e a promoção de atitudes que sensibilizem os alunos para o conhecimento. Com o ensino sucateado e os professores despreparados, muitos encontram em canais alternativos a diversidade necessária para ensinar na forma original no hebraico fazer crescer frutificar etc.. É a impossibilidade de encontrar em casa e na escola referências de pessoas com um bom acúmulo de capital cultural que induz à busca em outras instâncias. O objetivo deste é conscientizar o professor do seu conhecimento através de sua competência profissional, das suas atitudes e expectativas acerca das dificuldades de aprendizagem e do futuro do aluno. Propõe ao educador a análise do contexto: condições ambientais imediatas em que ocorre o processo ensino-aprendizagem (número de alunos circunstancias específicas em que se apresenta a tarefa, etc.); e condições mediatas (referentes linguísticos, culturais, etc. do grupo social e cultural de origem do aluno), com a avaliação psicopedagógico.
Palavras-Chaves: Aprendizagem; Dificuldades; Pedagogia.

Rua Reinaldo Richter nº 155
BL 06 apto 31
Campo Comprido Curitiba/PR.
CEP: 81220-120